

O PROCESSO DE TRIANGULAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA: O METAFENÔMENO COMO GÊNESE

THE TRIANGULATION PROCESS OF THE RESEARCH QUALITATIVE: META PHENOMENON AS GENESIS

Simone Antoniaci Tuzzo¹

Claudemilson Fernandes Braga²

Resumo: Este artigo é fruto de investigações qualitativas em Ciências Sociais firmadas pela ideia de multimétodos e se propõe a apresentar os avanços de estudos anteriores dentro da triangulação da pesquisa qualitativa. Definindo o sujeito e o objeto, a identificação do fenômeno formará a triangulação na pesquisa, determinando três vértices e três níveis de exploração que levarão a resultados. Tais resultados poderão gerar outros três níveis de exploração, criando um processo de investigação que pode ter começo, meio e fim em si mesmo, ou iniciar novas pesquisas, em uma lógica randômica, de modo a permitir a identificação do metafenômeno. A partir desta noção, o pesquisador tem a possibilidade de detectar fenômenos que constituem o tripé sujeito, objeto e fenômeno.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Triangulação; Meta categoria; Metafenômeno.

Abstract: This article is the result of qualitative research on social sciences based on multimethod idea and aims to present the advances of previous studies in the triangulation of qualitative research. Defining the subject and the object, the identification of the phenomenon will form the triangulation research, determining three points and three levels of exploration that will lead to results. Such results may generate other three levels of exploitation, affording an investigation that may have a beginning, middle and end in itself, or be the starting point to new research in a random logic, in order to allow identification of the meta-phenomenon. From this concept, the researcher is able to detect phenomena that constitute the subject tripod, object and phenomenon.

Keywords: Qualitative Research; Triangulation; Target category; Phenomenological.

1 Introdução

Esta é a segunda fase de uma pesquisa qualitativa iniciada em 2014 e que tem por objetivo estudar os olhares múltiplos e diversificados da complexidade a que foram sujeitos os atores sociais e seus ambientes pessoais e laborais. Este estudo se propõe a apresentar uma nova possibilidade metodológica dentro da perspectiva qualitativa, tendo

¹Doutora e Pós-Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

²Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiânia (PUC-GO). Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: milsonprof@gmail.com

como perspectiva o sujeito, o objeto e o fenômeno na pesquisa triangular. Ao fazer a pesquisa e a triangulação, um novo problema pode ser gerado. Esse novo problema pode originar uma nova pesquisa qualitativa ou quantitativa ou até uma nova triangulação, num processo dialético.

As expectativas deste cenário de pesquisa se propõem a falar a mesma linguagem a partir das investigações qualitativas, que colocam o indivíduo como elemento fundamental, quer seja pela perspectiva da mídia (ou não) e reafirmam o papel fundamental do pesquisador, desde suas escolhas de métodos de coleta de dados, análise, interpretação e produção do relatório de pesquisa, onde o olhar e as possibilidades de interpretação do sujeito pesquisador são fundamentais para a condução das pesquisas e poderão interferir diretamente em seus resultados, sobretudo nas ciências sociais e humanas. Neste sentido a defesa de uma pesquisa firmada na triangulação prevê os diversos ângulos de análise, as diversas necessidades de recortes e ângulos para que a visão não seja limitada e o resultado não seja restrito a uma perspectiva.

Entendemos que a construção de uma metodologia na área das Ciências Sociais já está consolidada pela ideia de multimétodos, não cabendo mais a busca de um resultado somente por um viés de pesquisa. Assim se firma aqui a ideia de triangulação, de olhares múltiplos, de buscas diversas que se complementam, mas que também podem se firmar somente no eixo qualitativo.

Na continuidade dos estudos iniciados em 2014 confirmamos a possibilidade de uma triangulação das pesquisas qualitativas firmadas nelas mesmas. Comumente são encontrados estudos de triangulação que mesclam as pesquisas qualitativas e quantitativas, mas a partir de resultados com investigações realizadas no Laboratório de Leitura Crítica da Mídia - LLCM, da Universidade Federal de Goiás - UFG, podemos afirmar que a triangulação, tendo como eixo central a própria pesquisa qualitativa também pode se firmar no tripé de sujeitos, objetos e fenômenos.

Ao estudar as palavras, a opção por se trabalhar com três vértices de investigação, que compõem uma triangulação justifica-se no sentido de que os vértices, ainda que componham um processo, devem ser trabalhados de forma isolada, complexos em si mesmos para poder se integrar ao todo. Assim, além de vértices, também a opção de níveis que marcarão as etapas da pesquisa até o seu resultado final. Tais níveis dizem respeito à coleta e análise de dados, mas também dizem respeito ao avanço do próprio pesquisador que, ao pesquisar também avança em novas inquietações, novas perguntas e novas coletas de dados.

Expondo o andamento das pesquisas, devemos considerar que em 2014 essas investigações estavam baseadas no tripé métodos, sujeitos e fenômeno. O objeto que ora aflora neste tripé de investigação estava contemplado anteriormente no eixo fenômeno. Desta forma, constatamos que o fenômeno é complexo, o método é plural e os sujeitos são mutáveis, absolutamente dependentes do ambiente e das condições sociais onde a pesquisa se realiza e onde outras interferências do meio podem gerar mutações no fenômeno pesquisado. Em se tratando de pesquisas nas áreas da comunicação, por exemplo, a mídia é ponto determinante na construção de todo o processo, quer seja quando seus produtos são pesquisados diretamente, sendo ela o próprio objeto de pesquisa; quer seja pela interferência social que exerce e que impacta em outras esferas sociais. Isso se mostrou real, mas precisou de um avanço.

Por isso, a proposta atual é de conceituar neste estudo o sujeito, o objeto e o fenômeno, tendo como referência a noção fundante de metafenômeno como gênese. O método qualitativo em sua pluralidade estará dando suporte para os processos de pesquisa e conceituação dos três pilares de sustentação da triangulação trabalhada neste texto.

2 Triangulação de métodos qualitativos em uma sociedade complexa

Este é um trabalho complexo pela multiplicidade de agentes sociais envolvidos para se pensar em suas respostas. A complexidade aqui considerada baseia-se nos estudos de Morin (2005a, p. 334), para quem

a complexidade não produz nem gera a inteligibilidade, ela pode incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. A complexidade não está no objeto, mas no olhar do pesquisador, na forma que ele estuda seu objeto e na maneira como ele aborda os fenômenos.

Entende-se que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Esta ideia reafirma a certeza de que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática de coleta e de interpretação em qualquer estudo. É na adoção de multimétodos que se busca o olhar multifacetado das pesquisas.

Tuzzo (2016) afirma que a complexidade do mundo moderno exige uma complexidade de metodologias capazes de considerar os olhares e prismas sobre um mesmo objeto, que possui vários lados e muitas formas de ser contemplado e, por diversas vezes, impossível de ser visto em sua totalidade a partir de apenas um ângulo. Importante primeiramente pensar no significado de totalidade, pois, muitas vezes, ela é para um indivíduo somente a maior parcela de possibilidade de conhecimento em um dado momento histórico-social. Por isso é sempre importante reconhecer a necessidade de busca constante de novos conhecimentos, novas buscas e novas descobertas. A totalidade, neste caso, pode ser somente uma representação do total, por isso a ideia central de que ao se fazer uma pesquisa pelo método de triangulação, um novo problema pode ser gerado, algo que não havia sido considerado no início das buscas de dados e informações; esse novo problema pode originar uma nova pesquisa qualitativa ou quantitativa ou até uma nova triangulação, num processo dialético e quase ininterrupto de inquietação, busca, reflexão, resultado que gera nova inquietação, nova busca, nova reflexão e um resultado ampliado que levará a uma nova inquietação, sem fim.

Esse movimento também parte do princípio de que para pesquisar precisamos conhecer o que pesquisamos. Como afirma Tuzzo (2016, p. 133) "ninguém pesquisa o que, pelo menos em parte, já não conhece. Se assim fosse, não estaria apto sequer a formular as questões sobre as quais deseja conhecer as respostas. Assim, pesquisar é também aprender em um processo que avança".

Paiva (2011) ao trabalhar as ideias de Karl Popper destaca a *metáfora do holofote*, colocando que a observação não é o começo da construção do conhecimento, pois antes temos os problemas e os interesses da pesquisa que nortearão o que queremos descobrir. Assim, um holofote ilumina uma parte, mas deixa outras na penumbra. Por isso, o que vemos depende de quem somos e procuramos e o objeto observado é construído por nós, sendo o observador um seletivo daquilo que observa. Tuzzo corrobora:

Pesquisar é como um raio de luz que ao iluminar um objeto nos oferece uma perspectiva, mas se a luz for aumentando poderemos ver outros ângulos, outros lados... e assim nossa percepção também vai sendo ampliada podendo mudar a nossa ideia quanto à forma, o tamanho, à cor. Pesquisar é escrever um soneto de luz. A luz que parte do objeto, mas que se concretiza na clareza de novas

ideias de um universo multifacetado de pesquisas, de arte e de vida (TUZZO, 2016, p. 130).

Morin (2005a, p. 70), diz que "aprender não é somente reconhecer o que, virtualmente, já era conhecido; não é apenas transformar o desconhecido em conhecimento. É a conjunção do reconhecimento e da descoberta. Aprender comporta a união do conhecido e do desconhecido".

Camalhão e Camalhão (2016) ao defenderem as pesquisas qualitativas afirmam que o homem deve ser colocado no centro das ciências sociais e que devemos abraçar e estudar a subjetividade para sermos objetivos. Segundo os autores, a ciência exprime enunciados lógicos, objetivos e racionais, mas a subjetividade é necessária na interpretação. A racionalidade é sempre limitada, por isso a subjetividade e a imaginação são necessárias ao seu desenvolvimento. A centralidade da pesquisa no investigador a partir da auto-etnografia, ou seja, o investigador como objeto de estudo que sempre incidirá em alguma interferência na análise dos dados. Os autores acreditam que nas ciências sociais o pesquisador pode ter a sua visão, interpretação e liberdade, conhecer sem amarras, descobrir o novo e o velho sobre si mesmo e sobre o mundo. Descobrir que o maior patrimônio da humanidade não é o que conhece, mas o que desconhece e não controla. Mesmo nas pesquisas bibliográficas os pesquisadores são livres para criticar, acrescentar e citar, pois este deve ser o objetivo dos escritores, oferecer suas obras para que cada um se descubra e reflita sobre como pensa e sobre como constrói conhecimento.

É exatamente neste ponto que nos debruçaremos nesta nossa abordagem. A multiplicidade de coletas que a pesquisa qualitativa permite, gerando uma possibilidade de triangulação, também trabalhada pelos autores Duarte (2009) e Günther (2006), apesar do segundo autor se dedicar mais especificamente a diagnosticar e diferenciar a pesquisa quantitativa da pesquisa qualitativa.

Segundo Minayo (2000, p. 48), as pesquisas qualitativas podem ser então compreendidas como "aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas".

Na pesquisa qualitativa o destaque não está na busca da quantidade, não se baseando em números e estatísticas, mas enfatizando a qualidade e a profundidade de dados e descobertas a partir de fenômenos. Na pesquisa quantitativa a maior preocupação é com a mensuração de intensidade, frequência ou quantidade, na qualitativa o foco está

na interpretação, valorizando o processo e o seu significado. Na pesquisa quantitativa os resultados são gráficos e números; e na qualitativa os resultados são ideias e textos. A pesquisa qualitativa é analítica, explicativa, ou seja, ela é regida pelos dados que gerarão conclusões e reflexões, baseados na complexidade da sociedade onde a pesquisa foi gerada.

2.1 Conceituando (meta)fenômeno, sujeito e objeto

Para conceituar o metafenômeno, ponto principal de discussão deste estudo, vamos considerar o pensamento de Benjamin (1985), teórico da Escola de Frankfurt, que descreveu o processo do aqui e agora (*hic et nunc*), em seu clássico texto “A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica” de 1936.

A ideia é de que o metafenômeno só pode ser compreendido dentro de um contexto social, onde nesta perspectiva as características de cada pesquisa precisam considerar o *hic et nunc*. Aqui, tentando fazer uma analogia e adequação ao termo, respeitamos a ideia de Benjamin (1985) ao colocar que o *aqui e agora* consideram a presença física e o local onde algo foi produzido a fim de afiançarem a unicidade de uma obra de arte, considerando, inclusive, o seu tempo de duração, a tradição, modos, costumes e história, podendo até se estender para uma ligação religiosa, que o autor chamou de *aura*, conferindo à obra de arte uma idolatria de culto e de exclusividade que, ao ser reproduzida, perderia e não seria mais a obra de arte.

Mas ainda trabalhando com a ideia de que seja fundamental o contexto social onde as pesquisas são desenvolvidas, adotamos o consagrado termo *hic et nunc* para explicar a importância do sujeito no processo e toda a complexidade que envolve a existência humana.

Também encontramos respaldo em Morin (2005b, p. 18-19) quando afirma que

a cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade.

Assim cada sociedade é a soma de seus indivíduos, mas cada indivíduo é a representação da sociedade em que está inserido, numa simbiose que determina a existência de fenômenos específicos para um determinado grupo.

Morin (2005b, p. 18-23) ainda explica que:

Nenhuma sociologia pode resolver o problema crucial da verdade da sociologia. Para que a sociologia do conhecimento possa encontrar a sua própria verdade, é necessário que a ela se coloque o problema metassociológico (ultrapassando a sociologia ao englobá-la) da verdade. [...] Significa dizer que a ideia mais simples necessita conjuntamente de uma formidável complexidade bioantropológica e de uma hipercomplexidade sociocultural. Falar em complexidade é falar em relações simultaneamente complementar, concorrente, antagônica, recursiva e hologramática entre essas instâncias.

Aristóteles já pregava a relação complexa entre o todo e as partes sempre preocupado em unir e distinguir. Com base nessas ideias, Morin (2005b, p. 310) cunhou o termo “paradigma da complexidade” para explicar a dependência do que aqui chamamos de sujeitos, objetos e fenômenos e a interdependência que existe entre eles que, ainda que explicados separadamente, só podem ser compreendidos de forma integral.

Lysaneas (2009, p. 2) afirma que:

A apreensão do metafenômeno, tida por tantos filósofos como impossível, difícil, misteriosa, abstrata ou até ilusória, pode ser obtida, não pela supressão ou transcendência mal-definida dos sentidos, intuições e raciocínios humanos, mas, por um processo conjunto de refinamento do aparato psicossensorial (seja pelo seu uso adequado ou maior sofisticação) e de uma avaliação criteriosa, metódica, do direcionamento comum a todas as coisas, para saber para onde elas vão.

Diante disso, este trabalho também tem base nos estudos de Kerckhove (2009) para quem os sentidos e as sensações são fundamentais no processo comunicacional da sociedade atual. O autor encontra respaldo em um dos mais importantes aforismos cunhados por McLuhan (1964) que na década de 1960 afirmava que na era da eletricidade, usamos toda a humanidade como nossa pele. Sobre isso Kerckhove (2009) *explica que essa* extensão eletrônica do corpo, ou seja, uma percepção sobre a pele faz com que ela deixe de ser somente proteção e passe a ser um dispositivo de comunicação, sendo ela capaz de processar informações mais rapidamente do que a nossa mente. Isso reafirma a ideia do *hic et nunc* e do fundamental papel do pesquisador para a realização das pesquisas.

Assim, o metafenômeno pode ser compreendido como um feixe de forças, um experienciar além da consciência, conforme Gil (2005), ou seja, um lugar de vivência, de acontecimentos e fatos que incorporados à realidade do mundo social suporta, comporta e possibilita o funcionamento psicossocial dos sujeitos. É ele (o metafenômeno) que incorpora e oferece à pesquisa todos estes elementos, dando margem ao pesquisador de identificar as demais categorias do vértice sujeito, objeto, fenômeno.

Importante destacar que em relação aos sujeitos, ainda que já explicado o papel do pesquisador (que também pode ser chamado de sujeito), aqui tomamos nesta

perspectiva a noção de que os sujeitos (pesquisados) podem ser múltiplos (pessoas, documentos, reportagens impressas, televisivas etc) e complexos, conforme colocado por Morin (2005a). Dito de outra forma, aqui os sujeitos da pesquisa perpassam todos e tudo aquilo que pode ser investigado em razão do recorte (ou não) adotado no levantamento dos dados.

Adotando como lógica o método qualitativo para as investigações, devemos considerar que os sujeitos são participantes efetivos da pesquisa em toda sua complexidade e que certamente necessitará de multimétodos para identificar, coletar e se apropriar das informações necessárias para o processo de interpretação e conclusão dos dados de uma pesquisa, tendo em vista que tudo o que determinamos como composição de uma complexidade para o pesquisador sujeito, também se aplica a um sujeito investigado.

Em relação ao objeto, terceiro e último tripé deste constructo, retomamos a noção de metafenômeno, onde este oferece ao pesquisador o fenômeno que será investigado, aqui denominado de objeto. Ou seja, é o objeto/fenômeno que suportará todo o processo investigativo adotado na arquitetura metodológica proposta.

Dito de outra de forma, objeto e fenômeno se assemelham em forma e conteúdo. São indissociáveis no ato da pesquisa.

É no fenômeno que se identificam os sujeitos pertencentes; o metafenômeno que origina e suporta o próprio fenômeno e o objeto que é em essência a gênese do próprio fenômeno. É, portanto, no sujeito e no objeto que o fenômeno se instala, se operacionaliza e se constrói enquanto lugar de pesquisa.

3 Proposta metodológica de triangulação: sujeitos – objetos – fenômenos

O método de triangulação sistemática pode ser compreendido em Flick (2009), que afirma que ela pode ser conseguida a partir da combinação de perspectivas e de métodos de pesquisa adequados, que sejam apropriados para levar em conta o máximo possível de aspectos distintos de um mesmo problema.

Assim, na proposta metodológica em relação às investigações sejam de caráter bibliográfico e/ou mesmo de campo, são determinantes quatro aspectos fundantes: 1) a definição do tipo de pesquisa; 2) os instrumentos de coleta adequados; 3) a definição da população-alvo para construção da amostra; 4) os métodos de análise.

Com relação aos tipos de pesquisa, a proposta contempla a pesquisa bibliográfica e a pesquisa empírica; em relação aos instrumentos de coleta, estes de formas variadas podem ser a partir de instrumentos semiestruturados, observação participante (ou não), etnografia ou mesmo questionários estruturados de caráter aberto; sobre a população-alvo (amostra), tomamos como referência a teoria da amostragem³ para definir o campo e seus sujeitos: jornais, televisão, internet, pessoas etc; e os métodos de análise serão empregados a partir dos componentes da coleta.

3.1 Pesquisa bibliográfica

Para Minayo (2000, p. 97-98),

as pesquisas bibliográficas caracterizam-se como uma ordenação da realidade empírica[...]; um exercício de crítica teórica e prática[...]; um caráter disciplinar e operacional. A pesquisa bibliográfica é capaz de projetar luz e permitir uma ordenação da realidade empírica.

Marconi e Lakatos (2007) defendem que a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento da bibliografia já publicada, quer seja em livros, jornais, revistas, publicações avulsas. O seu objetivo é fazer com que o investigador conheça o material escrito sobre o assunto que pesquisa, sendo auxiliar na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica, mas não se limita somente ao início das pesquisas, pois ao longo de todo o percurso, com as pesquisas de campo, com os novos dados encontrados, a pesquisa bibliográfica se intensifica em necessidade e importância, para dar respaldo às descobertas, para construir o conhecimento que se faz no campo, mas que também precisa das referências existentes.

Flick (2009, p. 62) estrutura a pesquisa bibliográfica em quatro eixos: “A literatura teórica sobre o tema a ser estudado; leitura de pesquisas empíricas realizadas anteriormente sobre o tema, ou similares; literatura sobre metodologia da pesquisa; literatura teórica e empírica para a contextualização, comparação e generalização das descobertas”.

A pesquisa bibliográfica dará o suporte para a realização das pesquisas empíricas. É na pesquisa bibliográfica que a estruturação das ideias e dos conceitos já publicados serão reafirmados, ampliados, reconstruídos com as descobertas das pesquisas de campo.

³ Sobre a Teoria da amostragem ver (MALHOTA, 2010).

É na pesquisa bibliográfica que o campo se consolida, até porque, os resultados encontrados, os novos olhares projetados também terão como fruto um material bibliográfico, em forma de artigo científico, livro, anais de congresso, configurando-se como novo material de pesquisa para o próprio pesquisador em pesquisas futuras e para outros investigadores que trabalham com as mesmas inquietações.

3.2 Pesquisa de Campo ou Empírica

As pesquisas de campo permitem a ampliação das teorias e das descobertas anteriormente existentes. São elas responsáveis pela transformação social. O material de pesquisa está na sociedade e o coloquial é um grande laboratório. O pesquisador sempre deve ser crítico e o senso comum ceder lugar ao questionamento.

As pesquisas empíricas aplicam-se aos casos onde a busca é por um resultado mensurável, com interpretações, reflexões e explicações. Este método incita o pesquisador e os entrevistados a pensarem sobre uma questão social, um objeto, um problema e não se baseia em estatísticas, mas sim, preocupa-se com qualidade e profundidade de dados e descobertas a partir de fenômenos.

Tuzzo e Mainieri (2010) asseveram que o espaço de pesquisa está na sociedade e o cotidiano é um grande laboratório onde todo tipo de manifestação pode ser analisado, sob a ótica da ciência que se pesquisa e que mais se quer descobrir. O olhar do pesquisador sempre deve ser crítico e o senso comum deve ceder lugar ao questionamento. Hohlfeldt afirma que:

optar pela pesquisa empírica obriga-nos a sair da tranquilidade da cátedra ou de nossa casa. Dispomo-nos a ir a campo, ver e ouvir os outros. Mas, sobretudo, reconhecermos que não sabemos tudo, e que, a partir de cada uma dessas pesquisas, temos a oportunidade de nos renovar, de nos transformar, de irmos a ser novos. Quebramos nesse sentido, a hierarquia do conhecimento. E nos predispomos a pesquisar o que seja socialmente relevante, repartindo, com essa mesma sociedade, aquilo que eventualmente descobrimos e aprendemos, porque aprendemos com ela, e não apesar ou fora dela (HOHLFELDT, 2011, p. 102).

Marques de Melo (2011, p. 20-21) diz que “a pesquisa empírica é aquela resultante dos processos de observação da realidade, ensejando conhecimento capaz de ser aplicado à práxis”, e vai além afirmando que “como produtos de coletas de dados factuais, documentados e sistematizados, as fontes empíricas se convertem em instrumentos fundamentais para análise de tendências e formulação de previsões” (MARQUES DE MELO, 2011, p. 20-21). Dencker e Da Viá (2001, p. 66) complementam dizendo que

“sua principal finalidade é responder às perguntas colocadas acerca de fenômenos, procurando aumentar o grau de conhecimento existente”.

Nas pesquisas empíricas destacamos o papel do pesquisador. Para Havelais:

O empirismo se baseia na capacidade dos observadores concordarem a respeito de uma representação de suas experiências, ou seja, de suas percepções do mundo. Mesmo quando não existem múltiplos observadores, o empirismo requer que se assuma que alguém outro, no nosso lugar, faria os mesmos tipos de observação e as representaria de modo semelhante (HAVELAIS, 2011, p. 12).

A pesquisa empírica, somada à possibilidade de reflexão pode resultar em conhecimento. As experiências devem ser embasadas no conhecimento científico e o empirismo deve ampliar tais conhecimentos de modo a fazer com que o empírico seja sempre uma oportunidade de reflexão sobre o que já foi produzido.

Braga e Campos (2016) argumentam que é justamente a partir do ponto de vista empírico e sob a perspectiva daqueles que desejam e/ou devem intervir na realidade social que a pesquisa de campo se constrói, ou seja, é o empirismo que permite a compreensão dos fenômenos do mundo social.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Os pesquisadores Minayo (2000) e Triviños (1987) dão as pistas para a produção de roteiro estruturado ou semiestruturado que permite uma pesquisa com base em entrevistas ou grupo focal; estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; *storytelling*; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais; observação etnográfica ou participante, que tem por objetivo entender os processos sociais de concepção de um fenômeno pela própria perspectiva do pesquisador e não somente pelo relato de um participante externo.

Souza (2011) também nos dá pistas de métodos de pesquisa empíricas qualitativas, com o seguinte conjunto:

Inquérito: Aplicação de questionários a um conjunto de pessoas, normalmente selecionadas através de procedimentos de amostragem;

Entrevista: Sociológica ou em profundidade pressupõe o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado para aprofundamento de um assunto ou conjunto de assuntos interligados;

Grupo focal: Variante da entrevista, mas que compreende o debate de um assunto ou de um conjunto de assuntos entre membros de um grupo amostral selecionados pelo pesquisador que, normalmente, atua como moderador deste debate;

Observação etnográfica: Implica na imersão do pesquisador no ecossistema dos fenômenos que pretendem estudar, tendo em vista a sua observação direta;

Pesquisa-ação: Variante da observação etnográfica, em que o pesquisador não apenas imerge no espaço onde possam ocorrer os fenômenos que pretende estudar, como também provoca as ações que quer analisar;

Análise técnica de websites: Variante de análise do discurso, frequentemente usada na pesquisa em ambiente web;

Análise do discurso: Análise qualitativa, por vezes crítica do discurso, a partir de textos, imagens, sons, multimídia ou hipermídia;

Análise documental: Recolha de dados em documentos, como elementos de prova ou, sobretudo, para produção de conhecimento histórico-jornalístico.

Além desses, Souza (2011) ainda destaca como metodologias o estudo de caso, as biografias ou histórias de vida, as pesquisas comparativas e os papéis sociais.

Flick (2009) explica que o pesquisador inserido no universo dos pesquisados faz com que seja possível se descobrir como algo efetivamente funciona ou se desenvolve. Mais do que obter respostas em uma entrevista, os olhares subjetivos que estão além das palavras tornam-se acessíveis pela inserção no local.

O pesquisador, ao realizar a pesquisa deve considerar que tudo pode ser uma forma de comunicação na busca de dados, ou seja, a forma de falar, os gestos, as emoções, as atitudes e os silêncios devem ser analisados como componentes de dados.

Este conjunto de possibilidades pode ser compreendido a partir perspectivas duais: primeiro quando a coleta envolve a observação e quando a coleta envolve questionamentos; segundo quando a coleta envolve e se destina ao usuário final, aqui denominado de sujeito da pesquisa e/ou quando a coleta envolve e é direcionada aos sujeitos denominados de especialistas. Assim como as possibilidades dos tipos de pesquisas, também os tipos de coleta são múltiplos.

3.4 A população-alvo e as análises

A construção da amostra e os métodos de análise completam o processo. Neste contexto, tomamos como referência a teoria da causalidade (diferente da causa e efeito),

inspirado na perspectiva estatística, onde esta (a causalidade) sugere que o metafenômeno pode e deve sugerir ao pesquisador o fenômeno de interesse, que nem sempre é óbvio. É sobre a obviedade que nos debruçamos. O óbvio se aproxima do senso comum. É este distanciamento de que necessita o pesquisador para enxergar com lentes de aumento além do óbvio. Mesmo que a causalidade possa ser compreendida como relação entre um evento (a causa) e um segundo evento (o efeito), em que o segundo acontecimento é entendido como uma consequência do primeiro. Optamos pelo olhar de que também é na causalidade que se constrói o lugar desta perspectiva, onde a relação entre um conjunto de fatores (causas) faz surgir um fenômeno (o efeito), que chamamos de objeto – fenômeno.

4 O método na prática

Retomando a perspectiva que norteia este artigo, ou seja, a realização da pesquisa qualitativa a partir dos vértices *objeto, sujeito e fenômeno*, com importância fundante ao *metafenômeno*, tomar como primeiro exemplo aplicado uma pesquisa com leitores de jornal impresso. Neste caso os *sujeitos* são os leitores, o jornal impresso é o *objeto* e o *fenômeno* é a leitura, que em dias atuais pode ser realizada pelo papel impresso ou pelas mídias eletrônicas; onde o *fenômeno*, neste caso, se caracteriza pelo tipo de leitura física, digital ou ambas. Neste sentido surge a noção de *metafenômeno*, onde o *fenômeno* é sempre algo que não pode ser dissociado da pesquisa e a triangulação entre *fenômeno, objeto e sujeito* é a pesquisa qualitativa em três níveis, três vértices de exploração.

Na tentativa de buscar uma resposta para a pergunta central: *Qual é o papel do jornal impresso em tempos de internet e redes sociais?* A pesquisa realizada por Tuzzo (2016), sendo duas no Brasil em 2012 e 2013 e duas em Portugal em 2014, com trabalhos de análise e produção de textos em 2015, totalizando quase quatro anos de pesquisa de campo e produção de conhecimento, indica como a perspectiva de triangulação apenas a partir da pesquisa qualitativa é possível.⁴

A primeira pesquisa realizada no Brasil, com leitores de jornal impresso do estado de Goiás, teve início em novembro de 2012. Em um primeiro momento, os entrevistados foram os mais jovens, pessoas até 25 anos de idade selecionados a partir de uma busca pela resposta da pergunta central deste trabalho sobre o futuro do jornal impresso em uma

⁴ Sobre esta pesquisa ver TUZZO (2016).

sociedade que se firma cada vez mais nas tecnologias digitais. Assim, buscou-se saber o que pensam os leitores sobre *o papel do jornal impresso em tempos de internet e redes sociais*. Aqui identificamos os primeiros *sujeitos* da pesquisa.

Conforme Tuzzo (2016) relata, a cada entrevista, as respostas levavam a uma inquietação sobre como seria então o pensamento dos mais velhos, aqueles que não são nativos digitais e que possuem o jornal impresso numa categoria de complexo midiático firmada pelo tripé: jornal, TV e rádio. Selecionados a partir do banco de assinantes do *Jornal Diário da Manhã*, tradicional mídia de Goiânia / Goiás, no centro-oeste do Brasil. A partir da análise do resultado da pesquisa, absolutamente inusitado⁵ uma nova inquietação surgiu e deu origem a uma investigação com os jornalistas e editores de jornal impresso. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os editores e jornalistas dos seguintes jornais impressos: *O Popular*, *Diário da Manhã*, *O Hoje*, *Tribuna do Planalto* e *Jornal Daqui*. Aqui novamente, dada a complexidade de que fala Morin (2005a), se constitui.

A terceira pesquisa foi realizada em Portugal, na cidade de Lisboa, em 2014, também com leitores de jornal impresso. Tendo em vista a particularidade dos portugueses de, majoritariamente tomarem o café da manhã, ou como eles dizem, *o pequeno almoço* em cafeterias, lendo o jornal fresco com o café, as entrevistas foram realizadas nesses ambientes, desfrutando das respostas dos entrevistados e da esfera de leitura que os portugueses criam nesses ambientes. Neste caso, a pesquisa etnográfica se sobressaiu para coleta e análise dos dados.

A leitura social que aflorou deste processo foi ponto determinante para além das próprias questões que compunham este roteiro de entrevistas e foi também a descoberta que complementou as pesquisas no Brasil.

A quarta pesquisa, foi realizada com os jornalistas e editores de jornal que atuam ou já atuaram em jornal impresso em Portugal, nos veículos *O Crime*⁶, *Jornal Sol*, *Record*, *Revista Focus*, *Correio da Manhã*, *Gazeta das Caldas*, *TVI*, *Jornal de Negócios* e *Público*.

⁵ Os resultados apontam que este grupo continua a ler jornal impresso em uma sociedade digital, pois gostam do *cheiro* da tinta; do **som** de virar as páginas; da textura do papel sendo um prazer para o *tato*; da calma que traz a leitura no formato impresso do jornal, sendo também uma sensação agradável para a *visão*. Além disso, não são poucos os que citam o prazer associado a um café. Isso é muito interessante, pois a leitura do jornal passou a aguçar *os cinco sentidos*, ou seja, a princípio já estimulava a visão, o tato, a audição e o olfato, mas como o *paladar* não estava presente, o café completa o processo para os leitores brasileiros. A informação ganha um sentido físico-sensorial!

⁶ *O Crime* não está em circulação desde o dia 05 de fevereiro de 2014. Segundo dados publicados no jornal *Público* a suspensão se deve a problemas financeiros. Para saber mais, ver matéria disponível em: <<http://www.publico.pt/portugal/noticia/publicacao-de-o-crime-suspensa-para-reestruturacao-do-jornal-1624429>>

Os resultados apontam, assim como para os brasileiros, também para os portugueses, a existência dos *cinco sentidos* do impresso, entretanto, para os leitores portugueses, surge o sentimento de prazer pelas redes de relacionamentos, tão presente nos dias atuais; mas agregam com sutileza o modo tradicional de se relacionarem, ou seja, as redes de relacionamento, as redes sociais, não são só virtuais, elas existem de forma presencial, nos cafés, nas esplanadas, no encontro físico com os amigos, no dia-a-dia do cultivo da amizade, do contato e do convívio. Ler jornal é uma prática social coletiva e não somente individual.

Em todas as coletas o *objeto* permeou a pesquisa: o jornal impresso. Os *sujeitos* (leitores, editores, jornalistas) foram alterados em razão da complexidade da própria pesquisa e o *fenômeno*: a leitura dos jornais impressos deu forma e conteúdo a pesquisa. Aqui reside o *metafenômeno*: a leitura como aquilo que permeia a vida social.

Um segundo exemplo das possibilidades de aplicação da pesquisa qualitativa em função do *metafenômeno* é a pesquisa que objetivou identificar as mutações identitárias a que foram sujeitados os professores nas últimas três décadas em razão das múltiplas identidades exigidas na pós modernidade.⁷ Neste exemplo a identidade é o *objeto*, os *sujeitos* são os professores e o *fenômeno* é a mutação identitária, possibilitando, assim como no primeiro exemplo que a pesquisa qualitativa se torne possível em três níveis de análise, três vértices de exploração. Seja investigada pelo *objeto*, pelo *sujeito* e pelo *fenômeno*.

Objetivando identificar qual a imagem social do professor que circula na mídia impressa no Brasil nas décadas de 1990 a 2010, a pesquisa realizada por Braga e Campos (2016) nos anos de 2014 e 2015 analisou três décadas de notícias sobre os professores que circulam no jornal Folha de São Paulo, um dos maiores jornais de circulação diária do país; um dos maiores da América Latina. Tendo como referência a perspectiva qualitativa, a pesquisa se concretizou em uma única coleta (banco de dados de notícias da Folha de São Paulo) e três análises integradas do mesmo corpus.

Os primeiros resultados identificaram os principais discursos do jornal em relação ao professor e sua atuação profissional, tendo como perspectiva de análise de discurso da escola francesa, nomeadamente a perspectiva desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa em Representações Sociais da Universidade Aix en Provence. Os resultados apontaram que ao professor coube o lugar do profissional e seu nivelamento com as demais categorias

⁷Sobre esta pesquisa ver (BRAGA; CAMPOS, 2016).

profissionais. O poder simbólico de outrora foi extinto. A segunda análise, ainda na mesma perspectiva identificou que os discursos da mídia priorizaram falas paralelas aos professores, dando ênfase aos conglomerados educacionais e a importância do ensino enquanto formação de mão de obra para atender as demandas de mercado. A noção de pesquisa e geração do conhecimento se perde e prevalece uma formação bancária como necessária. Neste sentido, ensino é repetir, treinar e não exatamente ensinar a pensar.

E por último, a terceira análise identificou a imagem social do professor. Se antes ocupava um lugar de destaque no mundo social e sua importância era nacionalmente reconhecida, agora, com os processos de mutação identitária a que são sujeitos, em função da complexidade da pós-modernidade, ao professor coube a imagem de um ente, ora professor, ora proletário.

Sua (re) significação identitária parece ser definitiva. O poder simbólico de antes desapareceu. Foi substituído pela máquina azeitada do capitalismo e da produção em série.

Neste exemplo, os *sujeitos* professores, analisados pela perspectiva do *objeto* “identidade”, permitiu nesta lógica de três vértices, identificar o *fenômeno* mutações como sendo aqueles que advêm do *metafenômeno* complexidade e mudanças sociais.

Assim, como argumenta Gil (2005), tanto no primeiro como no segundo exemplo, este feixe, este experienciar além da consciência, que significam o metafenômeno, que são em última instância a essência desta perspectiva de pesquisa qualitativa: os *sujeitos*, os *objetos* e os *fenômenos*.

5 Considerações em andamento

Já é possível afirmar que no mesmo teto da pesquisa qualitativa pode-se ampliar os horizontes e demandar possibilidades de coleta e de análise de modo triangular, amplo e (quase) irrestrito na tentativa de atender as demandas dos fenômenos.

Aqui verificamos a “triangulação” como validação, mas também como forma de integrar diferentes perspectivas no fenômeno em estudo, como forma de descoberta de paradoxos e contradições, ou como forma de desenvolvimento, no sentido de utilizar sequencialmente os métodos para que o recurso ao método inicial informe a utilização do segundo método, ou seja, parece ser uma perspectiva em discussão, ou pelo menos é o que parece ser segundo Greene, Caracelli e Graham (1989), cuja discussão tem sido empreendida por Duarte (2009).

Desde modo a possibilidade da triangulação mesmo em se tratando da mesma perspectiva – qualitativa – parece ser uma abordagem que se sustenta e faz sentido à medida que oferece ao pesquisador olhares múltiplos e diferentes do mesmo lugar de fala. O todo e as partes são focos determinantes neste modelo de triangulação.

O que aflora nas investigações são os pensamentos de complexidade e de sentidos numa sociedade múltipla na perspectiva de pessoas e acontecimentos. A complexidade dos fenômenos exige outras formas de investigação. Aqui cabe ressaltar a riqueza destas possibilidades quando nos referimos, por exemplo, ao quantitativo de abordagens e de metodologias de análise do universo da pesquisa qualitativa, sugerindo que é no metafenômeno que o fenômeno se constitui, permitindo que seja possível triangular sujeito, objeto e fenômeno.

Como um fenômeno é apenas parte dos diversos fenômenos que compõem a categoria metafenômeno, eleger um *fenômeno*, um *objeto* e um *sujeito* explica e possibilita a realização da pesquisa qualitativa a partir da perspectiva do metafenômeno. É nele que se origina a possibilidade de múltiplas pesquisas, é nele que se compreende a complexidade de pesquisas, é ele a gênese de todo o processo de investigação.

Referências

- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRAGA, C. F.; CAMPOS, P. H. F. **Representações Sociais e Comunicação: a imagem social do professor na mídia e seus reflexos na (re) significação identitária**. 1. ed. Goiânia: Kelps, 2016.
- CAMALHÃO, S.; CAMALHÃO, M. I. Colocar o Homem no Centro das Ciências Sociais Abraçar e Estudar a Subjetividade para ser Subjetivo. In: CONGRESSO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 5, 2016. Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2016, p. 76-85. Disponível em: < <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/936/919>>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- DENKER, A. de F.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em Ciências Humanas**. 2. ed. São Paulo: Futura, 2011.
- DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica) **CIES e-WORKING PAPER**, Lisboa, n. 60, p. 1-24, 2009. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003>. Acesso em: 17 mar. 2015.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, J. **A imagem-nua e as pequenas percepções**. Estética e Metafenomenologia. 2. ed. Trad. Miguel S. Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2005.

GREENE, J. C.; CARACELLI, V. J. C.; GRAHAM, W. F. Towards a conceptual framework for mixed-method evaluation designs. **Educational Evaluation and Policy Analysis**, New York, v. 11, n.3, p. 255-274, 1989.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HAVELAIS, A. Prefácio. In: FRAGOSO, S. et al. **Métodos de pesquisa para internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2011, p. 11-16.

HOHLFELDT, A. É possível a pesquisa empírica num país preconceituoso e de tradição escravagista?! In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de. (Orgs.). **Quem tem medo da pesquisa empírica**. 1ª Edição. São Paulo: Intercom, 2011, p. 91-103.

KERCKHOVE, D. de. **A Pele da Cultura**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

LYSANEAS, T. **Metafísica Fractal**. 2009. Disponível em:
<<http://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/1608647>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. São Paulo: Bookman, 2010.

MARQUES DE MELO, J. Memória do campo acadêmico da comunicação: Estado da arte do conhecimento empírico de natureza historiadora. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de. (Orgs.). **Quem tem medo da pesquisa empírica**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2011, p. 19-75.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

MCLUHAN, M. **Understanding Media: The Extensions of Man**. USA: McGraw-Hill Book Company, 1964

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

MORIN, E. **O método 4: As ideias**. 4. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2005b.

PAIVA, R. Pesquisa em comunicação comunitária: há lugar para a empiria? In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de. (Orgs.). **Quem tem medo da pesquisa empírica**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2011, p. 105-121.

SOUZA, J. P. Quem tem medo da pesquisa empírica? Seguramente, não os pesquisadores portugueses em jornalismo. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de. (Org.). **Quem tem medo da pesquisa empírica**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2011, p. 305-321.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

TUZZO, S. A.; MAINIERI, T. Aspectos metodológicos da pesquisa empírica em comunicação organizacional e Relações Públicas: Uma análise das assessorias de comunicação em Goiás - Brasil. **Revista Educação**, Goiânia, v.5, n.1, p. 45-63, 2010.

TUZZO, S. A. **Os sentidos do Impresso**. 1. ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.